

EDITORIAL

Esta edição da **MOITARÁ** – Revista Eletrônica da Fundação Araporã de Araraquara traz trabalhos que permitem refletir sobre questões relacionadas a temas importantes no contexto da antropologia, da etnografia, da etnologia, da história indígena, da arqueologia, da arqueologia funerária e da educação. Segue a proposta que vimos anunciando em edições anteriores, que é oferecer a possibilidade de participações diversas, mais livres, sem amarras e sem demarcar um campo específico do conhecimento. Assim, no âmbito desta proposta, este número (13), volume (14) agrega 5 trabalhos que possibilitam ampliar conhecimentos no contexto das áreas a que se propõem.

Os dois primeiros artigos trazem elementos relevantes relacionados à história de povos indígenas presentes no território brasileiro. Permitem conhecer aspectos importantes de suas trajetórias e lutas, seja no contexto tradicional (rural ou aldeado) ou no urbano.

Na sequência temos dois artigos da área de arqueologia. Enquanto no primeiro as autoras expõem resultados de um trabalho de prospecção arqueológica realizado em minas de calcário e argila em Pitimbu/MG; o segundo, estabelece uma conexão entre a arqueogeografia e arqueologia funerária. Tematiza sobre a paisagem de dois espaços cemiteriais existentes na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo; analisa as transformações ocorridas nesses espaços ao longo do tempo (do final do século XIX até a atualidade). Ao fazerem isto, autora e autor trazem informações a respeito da organização socioeconômica, política e ideológica da sociedade araraquarense da época, o que contribui para enriquecer o conhecimento da história local.

O último texto de autoria de uma professora, arte educadora, mãe e ativista da educação é uma crítica ao atual modelo de desenvolvimento econômico que se reflete na educação ofertada aos estudantes desde o estágio formativo nas séries iniciais até o nível universitário. Ao tratar do modelo de escola ocidentalizadora, colonialista, patriarcal, fundamentada nas ideias do antropocentrismo e que serve aos interesses da sociedade industrial, do consumo, do lucro, dos privilégios e da desigualdade sociocultural, a autora mostra como este modelo não contribui para a formação de seres conscientes e preocupados com a preservação da natureza e do planeta Terra. Em contraposição a este modelo propõe uma educação voltada para o reconhecimento e respeito à natureza e tudo que ela nos oferece: rios, florestas, animais, etc. Uma educação que possibilite criar, verdadeiramente, “seres natureza”. Com liberdade poética e ouvindo as vozes de teorias filosóficas e científicas que discutem e destacam a importância do cuidado, do respeito e da atenção para com o mundo natural e tudo que nele está contido, o texto, em forma de manifesto, é um convite à reflexão sobre esta necessidade urgente. Oferece ideias e argumentos para pensarmos um modelo educacional mais próximo da arte, da beleza, da poesia, da sustentabilidade, mais integrado com a natureza e, portanto, mais próximo de uma vida melhor. Enfim, uma educação mais amorosa, espiritualizada, que possibilite a mudança de mentalidades e comprometida com a preservação do planeta Terra, na perspectiva da Educação e Arte Terrana como prática do bem viver.



E portanto, com grande prazer e satisfação que trazemos o número 13, volume 14 da **MOITARÁ** cientes de que estudos e reflexões aqui presentes contribuem para o enriquecimento e aprofundamento de discussões tão necessárias no momento em que vivemos.

Desejamos uma leitura proveitosa e regada pelo prazer!

Robson Antônio Rodrigues – Editor e Presidente do Conselho
Consultivo da Fundação Araporã

Angela Cristina Ribeiro Caires – Editora e Vice-Presidente do
Conselho Consultivo da Fundação Araporã